



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **AÇÕES AFIRMATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: REPRESENTAÇÕES DE ESTUDANTES QUILOMBOLAS NA UNIFESSPA**

Autor: Marcos Antônio Silva dos Santos; Orientador: Prof. Me. Janailson Macedo Luiz

*Autor: Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) – Email: [mrc7santos@gmail.com](mailto:mrc7santos@gmail.com)*

*Orientador: Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) – Email: [janailson@unifesspa.edu.br](mailto:janailson@unifesspa.edu.br)*

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo analisar as representações de estudantes quilombolas ingressos na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) através do Processo Seletivo Especial (PSE), modalidade de Ações Afirmativas criada no ano de 2014 na instituição. Também, como essas representações se relacionam com o cotidiano da sala de aula. Bem como compreender como elas e eles, sentem-se em relação à Universidade e à comunidade acadêmica. Na primeira edição da prova, apenas dois estudantes foram aprovados e em 2015 quatorze pessoas ingressaram na Instituição. Já em 2016, trinta estudantes foram aprovadas (os) em dezenove cursos, demonstrando um aumento paulatino na quantidade de aprovados. Nesse sentido, para compreensão do tema proposto, utilizamos como recurso metodológico a História Oral. Assim, entrevistamos alunas e alunos quilombolas de diferentes cursos da Unifesspa e que frequentam as aulas regularmente. Também, comparamos o produto das entrevistas ao material colhido durante a fase de pesquisa de campo referente as edições do Processo Seletivo. Deste modo, percebemos que as escolhas dos cursos são feitas de acordo com os interesses particulares e as necessidades coletivas de cada estudante. O que fortalece a noção de pertencimento ao grupo, haja vista que tais escolhas são feitas em referência a realidade das comunidades quilombolas de onde se originam.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunidades Quilombolas, Ações Afirmativas, Ensino Superior.



## **Introdução**

As políticas públicas educacionais no Brasil são demandas fortemente pautadas pelo movimento negro, preocupado com a situação de vulnerabilidade e exclusão causada pelo racismo e suas formas de manifestação sobre as constituições subjetivas das negras e negros do país. Uma das consequências disso, é a exclusão sistemática desses sujeitos da educação formal. Próxima a essa situação, estão os quilombolas, que também são expostos aos efeitos da discriminação causada por conta de pensamentos preconceituosos. Por isso, como estratégia de transformação dessa realidade, medidas que possibilitem a entrada desses sujeitos no sistema de educação são instituídas sob pressão desses e outros grupos.

Tratando-se especificamente do Ensino Superior, na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), além das vagas reservadas por intermédio da lei 12.711/2012<sup>1</sup>, é realizado um Processo Seletivo Especial (PSE) para indígenas (desde 2010) e para Quilombolas, a partir de 2014. Em cada PSE são criadas duas vagas para cada grupo a partir da demanda de cursos de graduação ofertada, que deixam de existir automaticamente caso não haja preenchimento. Ou seja, elas podem ser ocupadas apenas por estudantes indígenas e quilombolas.

Tendo em vista tal problemática, buscamos compreender de que forma as e os estudantes quilombolas compreendem a Universidade e quais as expectativas criadas acerca da graduação. Bem como, de que maneira essas perspectivas se relacionam com o cotidiano da sala de aula. Sabendo que as características que fazem de uma ação ser afirmativa versam sobre o contínuo apoio e valorização do grupo atendido, buscamos, por fim, compreender como elas e eles sentem-se em relação à Universidade e à comunidade acadêmica.

Para elaboração desta pesquisa, usamos como metodologia a História Oral, que se caracteriza na “realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente” (ALBERTI, 2008, p. 156). Entrevistamos sete estudantes de diferentes cursos da Unifesspa, onde foram feitas perguntas abertas e fechadas relacionadas com as comunidades quilombolas a que cada um é originário e, principalmente, às suas condições materiais e imateriais enquanto estudantes e

---

<sup>1</sup> Dentre outras determinações, busca promover a inserção de estudantes pobres e negros e negras nas Universidades Públicas federais do Brasil.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

quilombolas. Também, para complementação da argumentação, comparamos os dados coletados durante a pesquisa de campo aos dados teóricos e fornecidos pelos estudantes quilombolas.

### **Ressignificação do conceito Quilombo**

Quando o tema discutido é Quilombo ou comunidades quilombolas, são comuns dificuldades na sua conceituação, mesmo dentro na literatura disponível. Uma delas está na dificuldade de dissociação entre o que seria um Quilombo e a escravidão brasileira, mais especificamente, aos negros e negras que optavam pela fuga durante os períodos Colonial e Imperial. Outro ponto comum é a concepção que se tem de os quilombolas são indivíduos majoritariamente negros, o que é importante ser debatido, haja vista que suas comunidades são formadas por diversos grupos, inclusive por brancos. Para percebermos e entendermos as demandas quilombolas, precisamos fazer um esforço de conceituação, pois é preciso romper com essas ideias essencializadas de quilombo e de quilombola.

De acordo com Gomes (2015), várias imagens foram feitas acerca do que seria um Quilombo ao longo do século XX. O autor as divide em duas vertentes: uma *culturalista* e outra *materialista*. A primeira, acreditava na concepção de Quilombo apenas como uma tentativa de preservação cultural, como se essa fosse a única forma de preservação dos costumes dos negros e negras; e a visão *materialista* o tinha como uma forma de resistência à escravidão. Entretanto, as duas produziram “uma ideia de ‘marginalização’ dos quilombos. Seriam mundos isolados, ora de resistência cultural, ora de luta contra o escravismo” (p.73). Mesmo assim, eram tidos como ameaças às grandes fazendas e às cidades, pois “poderiam” incentivar outros negros a fugir ou provocar insurreições.

Essa ideia de isolamento citada, ainda permanece nos dias atuais. A ligação com as “roças” e, por conseguinte, com a zona rural, remete-nos a essa ideia de afastamento dos grandes centros urbanos. Baseado nesses preconceitos, o senso comum cria uma imagem do que é e como se apresenta um quilombola. O que pode acarretar erros com proporções sérias, como a negação da identidade étnica, conforme relatado por Marta Trindade<sup>2</sup>, estudante do curso de Direito. É certo que algumas comunidades são localizadas em pontos distantes dos

---

<sup>2</sup> As entrevistas utilizadas neste texto, bem como a pesquisa de campo, foram realizadas durante o período de permanência do autor no Programa de Acolhimento Estudantil da Unifesspa, projeto ligado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade.  
(83) 3322.3222



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

grandes centros urbanos, entretanto, não significa dizer que elas não apresentam qualquer contato com esses centros ou com outros grupos étnicos. A título de exemplo, essas conexões podem ser notabilizadas nas relações econômicas mantidas entre os grupos na troca e na venda dos produtos oriundos das roças familiares.

A resistência quilombola atual, perpassa outras peculiaridades para além daquelas do século passado, identificadas anteriormente. A luta por direitos básicos, como o acesso à educação, saúde e, principalmente, pela posse legal das suas terras são alguns dos principais pontos de reivindicação das comunidades quilombolas organizadas mediante o Poder Público. Nesse sentido, uma ressignificação Quilombola significa reconhecer essas lutas por cidadania, porque são elas que contribuem e estão diretamente ligadas com a manutenção ou formação da sua própria identidade quilombola. Em outras palavras,

Quilombo, [...] não é apenas uma tipologia de dimensões, atividades econômicas, localização geográfica, quantidade de membros e sítio de artefatos de importância histórica. Ele é uma comunidade e, enquanto tal, passa [é] uma unidade viva, um *locus* de produção material e simbólica. Institui-se como um sistema político, econômico, de parentesco e religioso que margeia ou pode ser alternativo à sociedade abrangente (MARQUES, 2009, p. 344).

Além disso, o *modo vivendi* adquirido a partir das relações sociais e econômicas presentes desde a colônia se reconfiguraram e se apresentam hoje de uma outra forma e a partir de novas relações. E é preciso que sejamos capazes de acompanhar e compreender essa mudança, pois “permite aos grupos que se auto-identificam como *remanescentes de quilombo* ou quilombola uma efetiva participação na vida política e pública, como sujeitos de direito. Além disso, [...] afirma a diversidade histórica e a especificidade de cada grupo” (MARQUES, 2009, p. 345). Sua característica enquanto grupo de mobilização, os colocam na posição de importantes agentes de transformação social, desde que hajam as condições necessárias para tal.

### **O acesso de Quilombolas ao Ensino Superior pelo PSE**

A Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará faz parte da relação de Instituições brasileiras que apresentam alguma modalidade de Ação Afirmativa direcionada aos povos indígenas e quilombolas. Até o ano de 2011, era sabido que apenas a Universidade Federal de Roraima (UFRR) realizava um Processo Seletivo



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

Especial para indígenas (SOUSA e PORTES, 2011). Porém, a Universidade Federal do Pará (UFPA), realizou o primeiro vestibular específico para indígenas em 2010 (BELTRÃO e CUNHA, 2011). Na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), objeto desse estudo, o primeiro vestibular específico para Quilombolas foi realizado em 2014 e garantiu a entrada de apenas dois estudantes, de acordo com a relação de classificados publicada na página oficial da Instituição. Paulatinamente, esse número vem crescendo e no último exame, trinta estudantes foram aprovados em dezenove<sup>3</sup> cursos de graduação.

Políticas de Ações Afirmativas, tal qual o PSE, existem na tentativa de reversão de um histórico de marginalização, seja por ações do Estado, seja pela sociedade. A democratização da educação é pauta universal dos movimentos sociais brasileiros, inclusive, das comunidades quilombolas (SOARES, 2012). Por muito tempo, o acesso ao sistema de ensino por parte desses sujeitos foi dificultado por inúmeras razões. Assim, sua entrada no ambiente universitário significa a instrumentalização dos meios de luta, pois comparada as reivindicações das comunidades quilombolas por educação escolar dentro das comunidades, está diretamente ligada a outros pontos de reivindicação como a luta pela terra e energia elétrica.

O Processo Seletivo Especial significa, também, a materialização das Ações que devem ser tomadas pelos agentes responsáveis de garantir que esses sujeitos estejam representados em todos os setores da sociedade, uma vez que a educação “na concepção de algumas lideranças quilombolas, [...] é uma das ferramentas que, se bem utilizada, poderá contribuir e fortalecer suas lutas históricas” (*idem*, p. 93). Conforme a pesquisa de Beltrão e Cunha (2011), o PSE funciona a partir da noção de pertencimento étnico entre as/os candidatas/os e suas comunidades, já que se “baseia na ideia de que a identidade étnica se constrói pela aliança do reconhecimento individual enquanto membro do grupo com o fato de ser reconhecido como membro pelo grupo” (p.28).

Podemos analisar essa relação de três formas: na inscrição para o processo, perante apresentação de comprovante de pertencimento expedido pela comunidade; dentro da Universidade, onde o apoio financeiro e afetuoso familiar é relevante para o prosseguimento da graduação; e a perspectiva do pós-graduação, na qual, planeja-se voltar os conhecimentos e técnicas aprendidas durante a graduação para o “desenvolvimento”<sup>4</sup> da comunidade

---

<sup>3</sup> De acordo com a retificação do Edital N° 03/2016 – Comissão organizadora do PSE para indígenas e quilombolas 2016 /UNIFESSPA, de 04 de maio de 2016.

<sup>4</sup> Termo utilizado pelas colaboradoras ao tratar do assunto.  
(83) 3322.3222



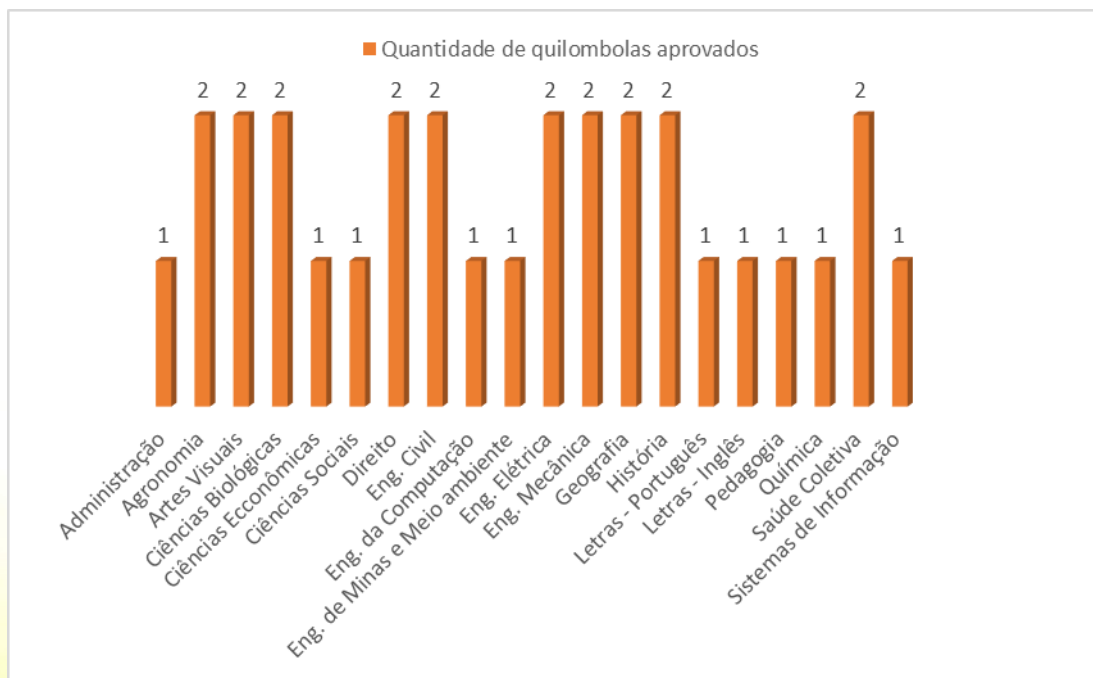
# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

quilombola. Quando questionados sobre as razões das preferências pelos cursos, as respostas são sempre próximas da de Camile, ao perguntarmos o porquê da preferência por Agronomia:

C: eu escolhi Agronomia pela realidade de lá, porque a comunidade vive de agricultura familiar. Não pensei só em mim, eu pensei em lá porque eu penso em voltar, em retornar. E eu penso é... eu fiquei em dúvida entre Agronomia e Engenharia Ambiental. Eu pesquisei, fui mais a fundo e vi que Agronomia tinha mais a ver com a realidade do que Engenharia Ambiental. Aí eu escolhi por causa disso, porque eu penso em desenvolver projetos que venham a desenvolver a comunidade, entendeu?

Nesse sentido, tais escolhas pelos cursos seguem uma linha de pensamento baseada no bem estar da comunidade, tanto do estudante enquanto indivíduo, quanto do grupo. Entretanto, é importante nos atentarmos às áreas mais preteridas pelos estudantes, que se caracterizam por de tecnologia ou bacharelados (gráfico abaixo). Isso indica pouco interesse na formação de novos profissionais ou no fortalecimento do ensino nas escolas quilombolas, que se dariam principalmente através dos cursos de licenciatura. Isto é, a visão dos estudantes está atrelada a um pensamento liberal de desenvolvimento, no qual pressupõe sua possibilidade apenas através do avanço material.



**Gráfico 01: Relação de aprovações por curso no Processo Seletivo Especial 2016 da Unifesspa**

Fonte: Edital N° 03/2016 – Comissão organizadora do PSE para indígenas e quilombolas 2016 /UNIFESSPA, de 04 de maio de 2016. Disponível em



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

<[https://www.unifesspa.edu.br/images/edital\\_resultado\\_final\\_retifica%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://www.unifesspa.edu.br/images/edital_resultado_final_retifica%C3%A7%C3%A3o.pdf)

> último acesso em 02/072015, às 15:00 horas.

De acordo com o Gráfico, houve um aumento considerável de aprovados em cursos de baixo prestígio social em relação aos processos seletivos de 2014<sup>5</sup>, onde apenas dois estudantes foram classificados para Direito e Psicologia (uma para cada curso) e 2015<sup>6</sup>, no qual além de Direito, foram aprovados estudantes também para cursos de Licenciatura, como Letras e Pedagogia, mas em escala menor ao de 2016. Desta vez, todas as vagas foram preenchidas em cursos com baixa demanda de procura, a título de exemplo Geografia e Química. Isto é, retornarão para as comunidades além de profissionais especializados em tecnologia, também professoras e professores quilombolas possivelmente preocupados com a luta pela cidadania dos seus pares.

### **As Representações Sociais dos estudantes quilombolas**

Por Representação Social entendemos ser todo conhecimento adquirido coletivamente acerca de determinado grupo em relação a um objeto, que torna-se individual na medida em que analisamos a posição de partida dessa informação. De acordo com Arruda (2002),

[...] representação social é um modo de conhecimento sociocêntrico, que segue as necessidades, os interesses e desejos do grupo, o que introduz uma certa ‘decalagem’ com relação ao objeto em construção. Assim, quando percebemos esta espécie de defasagem entre o objeto e sua representação, significa que estamos diante da marca grupal/cultural impressa no processo de construção da representação (p. 140).

Esses interesses e desejos do grupo se manifestam nas escolhas transferidas para os indivíduos. A partir das entrevistas, percebemos a escolarização (como estratégia de aumento do poder de aquisição) como uma dessas vontades incentivadas e/ou proporcionadas pelos familiares e pelos sujeitos. Entretanto, dificultada pelas condições apresentadas nos quilombos. Segundo os estudantes, geralmente as escolas próximas ou mesmo dentro das comunidades quilombolas, possuem vagas apenas até a 4ª série do ensino fundamental. Do

---

<sup>5</sup> Disponível em:

[http://www.ceps.ufpa.br/daves/UNIFESSPA/UNIFESSPA\\_Processo%20Seletivo%20Especial%202014/Classificados/ClassificadosQuilombolasUnifesspa.pdf](http://www.ceps.ufpa.br/daves/UNIFESSPA/UNIFESSPA_Processo%20Seletivo%20Especial%202014/Classificados/ClassificadosQuilombolasUnifesspa.pdf) > último acesso em: 01/07/2016, às 14 horas e 06 minutos.

<sup>6</sup> Disponível em: <[http://www.ceps.ufpa.br/daves/UNIFESSPA/PSE%202015%20-%201/resultado\\_final\\_quilombolas.pdf](http://www.ceps.ufpa.br/daves/UNIFESSPA/PSE%202015%20-%201/resultado_final_quilombolas.pdf)> último acesso em: 01/07/2016, às 14 horas e 06 minutos. (83) 3322.3222



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

contrário, funcionam em situação de precariedade e em regime de ensino modular, caracterizado pela irregularidade de aulas. O que os obrigam se deslocarem em direção às cidades em busca de melhores condições escolares. Ainda nas palavras de Camile: “[...] eu morei até meu ensino fundamental [no quilombo]. Porque, como eu acabei de dizer, há muita necessidade, principalmente no estudo é muito precário, muito mesmo. Aí para você chegar a um nível melhorzinho, você tem que sair pra outra cidade.” Além disso, problemas estruturais como a falta de professores e de merenda escolar, são elementos que contribuem com esse deslocamento. O que acarreta outras complicações como “a falta de local específico para moradia na zona urbana; [e] o envolvimento com o cotidiano da cidade, que em muito difere da área rural quilombola [...]” (RATTS; COSTA; BARBOSA, 2006 p. 319-320).

De acordo com Ellen de Souza, estudante de Engenharia da Computação, essas novas condições de moradia e os gastos com necessidades básicas, incluindo alimentação e transporte, são demandas que a preocupam e a ajuda familiar é importante na permanência na “cidade grande”, haja vista que nesse ambiente “só vive quem tem dinheiro”. Por isso, muitos estudantes não conseguem realizar esse deslocamento entre comunidade rural e cidade, continuando na sua comunidade, diminuindo a perspectiva de ingresso no ensino superior onde, conforme a visão de uma estudante, a única alternativa é “trabalhar com a roça, casar e ter filhos” (Deidiane, estudante de Eng. da Computação). Pois, nas palavras de Camile, “é complicado você fazer o ensino modular e ir prestar o Enem, por exemplo. [...] fica fora do páreo ali para estar competindo com pessoas que estão com o ensino mais avançado”.

Essa concepção do trabalho com a roça geralmente está vinculada a um pensamento negativo, quando não há outra possibilidade a não ser ela. Essa forma de trabalho é um dos marcadores do meio rural, portanto, também das comunidades quilombolas rurais. Entretanto, de acordo com os colaboradores da pesquisa, apenas os mais velhos mantêm um contato mais próximo com a terra, pois essa era a única maneira de sustento a suas épocas. Os jovens e os adolescentes não se interessam mais por essa atividade, buscando outras alternativas de subsistência como evidenciado na fala do Vinicius Teixeira, estudante de Engenharia Civil sobre o porquê da escolha do curso:

V: porque sempre foi o meu sonho e eu tenho tio que mora perto lá de casa e ele sempre foi pedreiro. Ai depois que eu cresci mais, eu sempre fui ajudar ele e sempre foi o que eu quis fazer era trabalhar na parte de construção. Tem também pelo desenvolvimento lá da comunidade, tem muitas obras lá e eu tenho vontade de quando eu me formar eu voltar para poder melhorar a estrutura da minha comunidade com segurança e também é um curso que é bem remunerado. Também na questão de mudar a perspectiva da comunidade que sempre foi a de não poder entrar na Universidade. Eles já cresciam numa cena de ter que ir pra





# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

roça trabalhar, ai como eu entrei agora na Universidade, muda a perspectiva dos jovens de lá, que como eu entrei, eles podem entrar e fazer um curso que é... concorrido a engenharia civil.

Podemos identificar mais uma vez que as representações que os estudantes quilombolas formam a partir do curso de graduação são de acordo com os interesses particulares, mas também com os de suas comunidades. Deste modo, em conformidade com Chartier (1990), “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (p.17).

Essa correlação é ainda mais pertinente entre os cursos que estão (ao menos em teoria) diretamente ligados com as formas de subsistência e organização sócio-cultural das comunidades quilombolas, como Agronomia e Saúde Coletiva. O primeiro por se tratar do estudo de técnicas para o tratamento dos solos, agricultura, etc. e o segundo por envolver questões relacionadas ao planejamento e administração de políticas para a saúde de populações humanas. Em dado momento das entrevistas, perguntamos aos estudantes se em alguma circunstância os assuntos aprendidos em sala de aula fazem referência às suas respectivas comunidades e, com exceção das estudantes dos cursos citados, grande parte afirmam de forma negativa.

No caso da estudante de Agronomia, quando a disciplina trabalha com a questão da agricultura, com a questão das técnicas de plantio etc. ela consegue participar da discussão com exemplos do seu Quilombo: “a pessoa fala [...] tal coisa e aí vem na cabeça assim, professor, eu acho que isso aqui... ah, não tá certo de forma técnica, mas vem do conhecimento e dá para relacionar. Quase sempre, quase sempre mesmo dá para relacionar.” (Camile de Melo). No caso de Saúde Coletiva, a discussão era sobre saúde e doença, de acordo com nossa colaboradora. Na oportunidade, Taiana Sena comentou sobre o Quilombo de Rio Acaraqui<sup>7</sup>, no que tange a contaminação da água do rio pelo esgoto e pelo lixo produzido pela da comunidade, que sem assistência de coleta de lixo, precisa escoá-lo de alguma forma.

T: eu já discuti uma vez sobre isso [contaminação da água], que ele lá não tem... não tem posto de saúde não tem saneamento e não tem coleta de lixo e eles acabam jogando no rio e ai o que acontece? Os peixes vão mais lá pra o meio do rio e eles

<sup>7</sup> Comunidade localizada próxima à cidade de Abaetetuba, região nordeste do Pará.  
(83) 3322.3222



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

vão pra o meio pra poder pescar e tal, e ai estava dificultando tudo. Ai eu estava discutindo nessa parte, assim.

M: como foi essa discussão?

T: a professora estava falando sobre o processo de saúde e doença. Falando sobre um dos primeiros sanitaristas que surgiram, que surgiu e que pesquisou sobre um... não era hepatite. Eu esqueci o nome que as pessoas bebiam água contaminada e acabavam tendo vômito e diarreia, através da água contaminada e foi através disso que eu comecei a falar, entendeu? Que teve discussão.

É importante destacar, a partir dos relatos dos estudantes, que os temas das aulas não são específicos das comunidades quilombolas. Os assuntos abordados partem do geral em direção ao particular. Isso quer dizer que nos cursos, como Engenharia da Computação, onde os conhecimentos específicos são distantes da realidade dos quilombos, os alunos não conseguem fazer essa ligação. Deste modo, as identidades não são demarcadas, como também as fronteiras étnicas pelas quais a pertença e a não-pertença são delimitadas (BARTH, 2011).

## **Considerações Finais**

A Educação é caracterizada pelos estudantes quilombolas como uma forma de “melhoria de vida”, seja material ou intelectual. No nível fundamental e médio, são os interesses particulares os principais incentivadores de ingresso, que no Ensino Superior são atrelados aos interesses e necessidades coletivas. O que significa que a noção de pertencimento ao grupo não se manifesta apenas no convívio familiar dentro da comunidade. Essa concepção é mantida e fortalecida mesmo quando separados do grupo, manifestado na ideia de “retorno à comunidade quilombola” lavrada por eles próprios.

Esse retorno é equivalente às ideias de melhoria das condições de vida das comunidades de onde se originam, seja concerne à saúde, ao aumento do rendimento agrícola ou mesmo na melhoria das estruturas físicas das casas. Por isso, os cursos não são escolhidos aleatoriamente. Entretanto, uma das maiores reclamações dos estudantes é em relação à precariedade das escolas dos quilombos, o que gera outros transtornos, como os deslocamentos para as cidades.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Apesar dessa preocupação, não observamos (gráfico 01) um grande contingente de estudantes nos cursos de licenciatura, que por sua natureza, seriam responsáveis pela formação de professores e professoras. Seguindo a concepção de retorno às comunidades, esses cursos deveriam ser preenchidos por estudantes quilombolas com intensidade próxima dos cursos de bacharelado, classificados como de alto prestígio social. Isto é, na escala de preterimento aos cursos, aqueles que teoricamente são mais prestigiados são mais procurados pelos estudantes. Finalmente, não podemos descartar o fato de que a cada ano, a demanda de entrada dos estudantes quilombolas nos cursos de baixo prestígio social tem aumentado. Isso não significa que a linha de preterimento se inverteu, haja vista que a quantidade de aprovações em bacharelados é maior que nas licenciaturas.

### Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. **Fontes históricas**. Carla Bassanezi Pinsky (org.) — 2.ed., 1a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quilombolas e novas etnias**. Manaus: UEA Edições, 2011.

ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, novembro/ 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15555.pdf>> último acesso em 14/08/2016.

BELTRÃO, Jane Felipe; CUNHA, Mainá Jailson Sampaio. Resposta à diversidade: políticas afirmativas para povos tradicionais, a experiência da Universidade Federal do Pará. In: **Revista brasileira de Estudos pedagógicos**. Brasília, v. 92, n. 232, p. 516-541, set./dez. 2011.

BRASIL, Congresso Nacional. Lei [nº 12.711, de 29 de agosto de 2012](#). Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 29 ago, 2012. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm)> Acesso em: 30 set. 2015.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990. 239 p.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

MARQUES, Carlos Eduardo. De Quilombos a quilombolas: notas sobre um processo histórico-etnográfico. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, 2009, v. 52 nº 1.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

POURTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

RATTS, Alecsandro J. P.; COSTA, Kênia Gonçalves; BARBOSA, Douglas da Silva. Obstáculos e perspectivas dos Kalungas no campo educacional. **Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola**. Maria Lúcia de Santana Braga, Edileuza Penha de Souza, Ana Flávia Magalhães Pinto (organizadoras). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

SOARES, Edimara Gonçalves. **Educação escolar quilombola: quando a diferença é indiferente**. Tese de doutoramento/Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

SOUSA, L. P.; PORTES, E. A. As propostas de políticas/ações afirmativas das universidades públicas e as políticas/ações de permanência nos ordenamentos legais. **Revista brasileira de Estudos pedagógicos**. Brasília, v. 92, n. 232, p. 516-541, set./dez. 2011.